



MUNICÍPIO DE AVEIRO
Assembleia Municipal

ACTA N.º 85

Sessão Extraordinária de Novembro

Reunião de 09-11-2001

Aos nove dias do mês de Novembro do ano dois mil e um, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, à Praça da República, em Aveiro, reuniu a Assembleia Municipal de Aveiro, presidida pelo Presidente da Assembleia Municipal Carlos Manuel Natividade da Costa Candal, secretariado pelo Primeiro Secretário João Pedro Simões Dias e pelo Segundo Secretário Custódio das Neves Lopes Ramos, e com a presença dos seguintes vogais: Carlos Filipe de Andrade Neto Brandão, Virgínia Celeste das Neves Rodrigues da Silva Veiga, José Augusto Fernandes Júnior, João Pires da Rosa, Álvaro Patrício do Bem, Pedro Machado Pires da Rosa, Ana Carla Guerra de Miranda Macedo, Fernando Cardoso Leitão Miranda, António Ildebrando Nunes Costeira, João Alberto Simões Barbosa, Manuel António Coimbra Rodrigues da Silva, Nuno Teixeira Lopes Tavares, Ermelinda Clara Fernandes Oliveira Ribeiro Costa, Rogério Mário Madaíl da Silva, Fernando Vieira Ferreira, Joaquim António Gaspar Melo Albino, Jorge Manuel do Nascimento, Diogo Manuel Santos Soares Machado, António Sousa Dinis Correia, Luís Miguel Capão Filipe, João José Ferreira da Maia, Dinis Marques, Manuel Arede de Jesus, Manuel Branco Pontes e António Manuel dos Santos Salavessa.

Pelas 18:30 horas o Presidente da Mesa declarou aberta a Sessão.

Procedeu-se à chamada e verificou-se a ausência dos seguintes vogais:

Raúl Ventura Martins, Henrique Manuel Morais Diz, Maria João Santos Pais, Virgílio António Couceiro da Cruz Nogueira, João Coelho Gonçalves, Victor Manuel da Silva Martins, Manuel Simões Madaíl, Joaquim dos Santos Abreu e Élio Manuel Delgado da Maia.

Por parte da Câmara Municipal, esteve presente o Presidente da Câmara Alberto Afonso Souto de Miranda, o Vice-Presidente Eduardo Elísio Silva Peralta Feio e os Vereadores José da Cruz Costa, Jaime Simões Borges, Domingos José Barreto Cerqueira e Maria Antónia Corga de Vasconcelos Dias Pinho e Melo.

De seguida o Presidente da Mesa leu a “Ordem de Trabalhos” constante da convocatória para esta Sessão Extraordinária:

– **EVOCAÇÃO SOLENE DOS 150 ANOS DO LICEU DE AVEIRO.**

O Presidente da Assembleia Municipal convidou para terem assento na Mesa o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, o Presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária de José Estevão, o Presidente da Assembleia de Escola e a Presidente da Associação de Estudantes da mesma Escola. Depois cumprimentou todos os presentes e em particular os professores e alunos da Escola Secundária José Estevão que se encontravam a assistir à Sessão Extraordinária evocativa dos 150 anos da Escola.

Continuando, deu a palavra aos líderes de bancada dos Partidos com assento na Assembleia Municipal de Aveiro.

Vogal António Salavessa (PCP):

“Ao evocar os 150 anos do Liceu de Aveiro, para além de comemorar uma efeméride que deve encher de orgulho os aveirenses, é necessário valorizar tudo o que está para além da instituição agora homenageada, mas que nela teve, em parte, a sua origem - a aprendizagem de saberes vários, o desenvolvimento intelectual e cultural que marcaram gerações sucessivas de jovens e que ajudaram a desenhar aquilo que foi e aquilo que Aveiro é hoje.

Penso que todos damos como adquirido que o desenvolvimento de uma sociedade pode ser medido pela importância que ela própria dá à educação e cultura. E se é verdade que Portugal não tem sido, infelizmente e desde há muito, o paradigma de tal desenvolvimento, não podemos deixar de referir que pontualmente, no seu território e na sua História, surgem pólos com alguma dinâmica educacional, cuja influência se estende, por vezes, a toda uma região.

O Liceu de Aveiro foi, assim, ao longo dos tempos, uma dessas excepções.

O seu desenvolvimento inicial acompanha o renascimento da região de Aveiro após o longo período de miséria e desolação provocadas pelo assoreamento da Barra.

Desde que foi provocada a reabertura da Barra, a nossa região têm evoluído e tem-se desenvolvido, naturalmente que a ritmos variáveis, poucas vezes de forma sustentada e raramente com efeito directo e imediato na efectiva melhoria do conforto das populações. O surgimento do Liceu de Aveiro representou, por consequência, a criação de uma ferramenta para o desenvolvimento, num momento em que se redescobria o potencial da nossa região, nomeadamente o seu potencial produtivo.

A história do Liceu reflecte e caminha lado a lado com a história dos avanços e recuos de toda uma sociedade, que procuramos, no dia a dia, que seja cada vez melhor.

Por ele passaram as limitações ao estudo que se aplicavam na época às jovens raparigas, e é nele que no início do século passado que começam a estudar duas jovens alunas. A partir daí fica aberto o caminho ao estudo para o sexo feminino, não sem que no percurso até aos dias de hoje, a separação de sexos não tivesse sido um dos baluartes do regime que vigorou até ao 25 de Abril, excepção feita aquando das necessidades logísticas – caso de turmas de matemáticas modernas e últimos anos com poucos alunos por turma.

Também nele se sentiu o fervilhar de ideias e o balanço dos diversos poderes, desde a monarquia à ditadura, passando pela 1ª República; e, se continuou a crescer, não foi sem que lhe impusessem os ditames das políticas de quem, legítima ou ilegítimamente, estava à frente de ministérios e Governos. Mas, por estranho que pareça, é no pior período para a liberdade, e por isso mesmo para o desenvolvimento cultural – o período da ditadura de Salazar e Caetano – que apesar da repressão reinante nesse tempo e das limitações impostas em termos do saber, que aparecem vultos significativos, que mais tarde viriam a fazer obras que a própria escola se pode orgulhar.

É também neste período que se esboçam movimentos estudantis que levam inclusivamente a uma greve de silêncio absoluto nas aulas, nos anos 60, como forma de protesto pela exclusão do professorado de um padre progressista, e mesmo a uma greve às aulas durante uma semana já no início dos anos 70, devido a atitudes prepotentes contra os estudantes, e não foram poucos os estudantes do Liceu que participaram nos Congressos da Oposição Democrática, principalmente no 3.º, em 1973.

Com momentos de maior ou menor expressão pública, este inconformismo da juventude, continuou a expressar-se nas décadas que já nos separam do 25 de Abril. Lembro, a propósito, a forma como muitos alunos da agora José Estevão disseram "presente" nas lutas dos estudantes do ensino secundário de Aveiro contra a revisão curricular, contra a aplicação do numerus clausus, pela avaliação contínua e contra os as provas globais e exames nacionais e pela efectiva aplicação da Lei da Educação Sexual, lutas que se inserem noutra mais geral - a da exigência de uma escola pública, gratuita e de qualidade.

Durante estes 150 anos o Liceu sobreviveu e desenvolveu-se sem nunca deixar de formar jovens que deram fortes contributos para o desenvolvimento deste país. Por ele passaram grandes vultos e permitam-me que relembre, sem menosprezo por qualquer outro, todos os outros, não podemos deixar de lembrar, como alunos, Arlindo Vicente e Mário Sacramento e relembra, no outro lado da sala de aula, o professor Agostinho da Silva.

E num em tempo em que esmorece a paixão oficial pela Educação, em que escasseiam as verbas necessárias para o funcionamento da Escola, em que os profissionais envolvidos no processo educativo não recebem as compensações - materiais e não só - que efectivamente merecem, um tempo em que as promessas ficam tantas vezes no papel ou nas palavras das sessões solenes, acreditamos ainda que a Escola José Estevão, com os seus incansáveis professores e o seu dedicado corpo auxiliar, vai continuar ao serviço da nossa comunidade, concorrendo para formação da nossa juventude.

Saiba também o município e todos os seus órgãos, a começar pela Câmara Municipal, estar à altura das responsabilidades acrescidas que vai tendo na área educativa, contribuindo para que a actividade lectiva se desenvolva nas melhores condições possíveis, e para que o ensino ministrado nesta e nas outras escolas esteja ligado à nossa realidade regional, potenciando o desenvolvimento equilibrado, de Aveiro e seja o cadinho de onde brotem cidadãos activos e intervenientes.

Pela nossa parte, pela parte do PCP e da CDU, continuaremos a trabalhar para que assim seja, para que assim aconteça.”

(Entretanto entraram na sala os vogais Manuel Júlio Braga Alves e Britaldo Normando de Oliveira Rodrigues)

Vogal Diogo Soares Machado (CDS/PP):

“Ex.mo Sr. Presidente, Ilustres Professores do Liceu de Aveiro, representantes de uma Instituição que a nós todos, aveirenses, nos orgulha e nos enche a alma, por tudo o que ao longo deste tempo foi fazendo por Aveiro.

Começava por dizer que creio não ser, nem me competir neste momento, porque outros há, de uma forma muito mais brilhante o fariam, não me compete, dizia, fazer a resenha histórica daquilo que foi, é, e será, o Liceu de Aveiro.

Compete-me sim (e perdoem-me este pequeno assomo de egocentrismo), como antigo aluno prestar a devida homenagem a todos quantos aqui estão e a todos quantos não estando, estiveram e fizeram do Liceu de Aveiro aquilo que ele é hoje. A todos, muito obrigado.

Estamos a comemorar século e meio de História, porque foi exactamente desde essa altura que o então Liceu Nacional de Aveiro tomou em mãos a ambiciosa tarefa de formar gerações e gerações de aveirenses e gentes de todo o distrito, que para Aveiro se deslocavam para, dessa forma, poderem estudar, aprender, e preparar-se para a vida.

Os resultados estão à vista, e Aveiro tornou-se num símbolo nacional e europeu, da vanguarda da Educação.

Sem o contributo e até sem o motor que foi, é, e estou certo continuará a ser o Liceu de Aveiro, esta evolução, seria certamente mais lenta, morosa, e talvez menos abrangente.

Século e meio da História de Aveiro, estão também aqui encerrados. E é imperioso falar do Liceu de Aveiro quando se fala de Aveiro – todos nós sabemos isso. O papel fundamental que desempenha e mais uma vez estou certo desempenhará na formação dos nossos jovens, é indissociável do futuro da nossa terra. Os homens e mulheres que num passado próximo aí estudaram, para hoje serem o garante do nosso futuro atestam-no e são a melhor das provas de que a História de Aveiro não passa sem o Liceu Aveiro.

Na História de Aveiro ficará também para sempre registado o alfobre de grandes homens e mulheres que esse mesmo Liceu de Aveiro, que esta instituição foi e é.

O futuro de Aveiro, por seu lado, estará sempre dependente desta instituição. Esta convicção torna-se ainda mais forte quando, com o passar dos anos, o Liceu Aveiro tem sido capaz de demonstrar uma capacidade de evolução a todos os títulos notável e tem sabido manter-se na vanguarda da Educação e da Cultura deste país. É o melhor exemplo que podemos dar em tempos como correm de crise na Educação.

Não poderia deixar de referir, que as instituições apenas são grandes quando as pessoas que as constróem também o são. Por esse facto, este século e meio de história e de futuro, são também a história do mérito de todos quantos fizeram e fazem a história desta instituição: Contínuos, Professores e Alunos. Na sua humildade, no seu profissionalismo, com a sua força e saber, essas pessoas foram o mais sólido alicerce daquela que hoje é uma das mais bem construídas casas do saber desta nossa terra de Aveiro.

A todos, sem excepção, um imenso bem-haja pela obra que dia-a-dia constróem. Aos que vêm, que saibam estar à altura dos pergaminhos de quem fez, para que o futuro seja sempre e cada vez mais futuro. Ao Liceu Nacional de Aveiro e a todos quantos o fizeram ser o que é hoje, apenas e só, um enorme bem-haja. Muito obrigado.”

(Entretanto entraram na sala os vogais Armando Manuel Dinis Vieira e António Manuel Gonçalves Pinho Vinagre)

Vogal Britaldo Rodrigues (PPD/PSD):

“A primeira Academia criada no Mundo, cerca de 387 anos AC, deveu-se a Platão e tinha como objectivo não só o encontro e o debate inter-pares dos sábios da época, mas também a transmissão de conhecimentos a alunos que, para a frequentar, pagavam propinas. Diremos que constituiu a primeira universidade privada do planeta. Esta nova (para a época) instituição foi denominada de “Academia” pela simples razão do local, onde os sábios e seus discípulos se reuniam (constituído por um olival, um parque e um ginásio) ser consagrado ao lendário herói da Ática de nome “Academus”.

Mais tarde, Aristóteles, discípulo de Platão, considerou, no seu regresso a Atenas, que para além da “Academia” haveria lugar para outra Escola semelhante e criou, cerca de 335 anos AC, o “Liceu”. Não obstante os objectivos globais fossem semelhantes, Aristóteles não insistiu na designação de “Academia”, pois que, na época, tal não fazia qualquer sentido, já que o terreno onde se reuniam não era consagrado a “Academus” mas antes a “Apolo Lyceius”.

Desde a sua origem, quando frequentado pelos peripatéticos, e durante a sua expansão, designadamente em França e em Portugal, o “Liceu” afirmou-se como instituição altamente prestigiada; os seus professores credores da maior consideração e os alunos vistos como um potencial humano decisivo para o futuro pátrio.

Quando em Portugal (ainda só há uns trinta anos atrás) só existiam três cidades com universidades estatais, os Liceus, sobretudo nas pequenas e médias cidades, constituíam um factor fundamental e determinante de progresso social e cultural.

Subitamente, a designação de “Liceu” terminou entre nós. Não me parece que tenha valido a pena o quebrar desta tradição na nomenclatura de estabelecimentos de ensino tão credibilizados entre nós. O prestígio granjeado pelos Liceus, desde Platão até quase hoje, parece não ter sido considerado, tendo-se optado por designação mais populista que em nada ajuda a recuperar uma qualidade que, finalmente, se reconhece de novo, como indispensável à evolução e afirmação de Portugal no exigente contexto europeu.

Felizmente, aqui, na nossa terra, falamos hoje dos 150 anos do Liceu de Aveiro, ou seja, preservamos entre nós, hoje e aqui, a designação original da instituição de ensino que tem constituído um valor fundamental da nossa afirmação como um povo culto e exigente para com ele próprio.

Voltemos ao tema da qualidade. Nesta dinâmica cidade, falar de qualidade, como resposta aos desafios do futuro, consiste na afirmação das nossas tradições culturais na perspectiva das mudanças que nos são exigidas pela dinâmica evolutiva hodierna.

Qualidade na Educação exige reforma permanente do sistema educativo português, não só para ele estar adaptado ao presente mas, sobretudo, para ser adaptável ao futuro. Nesta reforma, o princípio da educação para a mudança tem, necessariamente de estar presente. Segundo este, a Nova Escola Portuguesa se deve compreender a mudança deve também ensinar a mudança. Isto é, deve ela própria, na lógica do seu funcionamento, da organização dos seus programas curriculares e programáticos, da interligação que estabelece entre investigação, ensino e sociedade, ser um centro que difunde a mudança, renovando os métodos e os conteúdos do seu ensino, afastando (embora sem precipitação, numa correcta postura dialéctica tradição-modernidade) disciplinas envelhecidas ou inúteis e acolhendo novos saberes, constituindo um espaço de reflexão e de diálogo aberto a novas manifestações da arte, a novos rumos do pensamento, a novas formas de perspectivar o desenvolvimento e o progresso.

Muitas das exigências atrás expressas não serão, por imposição legal, da competência das instituições de ensino básico e secundário. São, contudo, de cumprimento obrigatório, a meu ver, pelas instituições universitárias.

Se olharmos para o lado, a poucas centenas de metros daqui, encontramos uma universidade que, claramente, assumiu de modo muito sério e eficaz os desafios da modernidade. Aliás, após a acção de avaliação global das universidades estatais portuguesas, credenciadas individualidades classificaram em primeiro lugar a Universidade de Aveiro.

É evidente, como bons aveirenses que somos, por muito orgulhosos que possamos (ou devamos ficar) por tal reconhecimento, que não nos quedaremos à sombra da glória. Pelo contrário, este será, decerto, mais um incentivo para continuarmos a trabalhar no sentido de maximizar a qualidade do Ensino em Portugal. Será que não poderemos alcançar muito melhor qualidade de ensino na nossa Universidade?

A propósito, e a título de analogia, será de referir que ao proceder-se à análise de produtos manufacturados há sempre a considerar: a qualidade da matéria prima que vai ser utilizada na unidade fabril (o “input”), o processamento efectivado e, finalmente, o produto terminado (o “output”).

Não pode atingir-se um bom “output” sem um bom processamento e, naturalmente, sem um bom “input”. Então, se não existir possibilidade deste se obter, com a qualidade desejada, na fonte, há que possuir meios de reciclagem para o melhorar antes de o submeter ao processamento. Se assim não for, pode investir-se no melhor equipamento e, contudo, o concomitante bom processamento não conduzir a um bom “output”. Ter-se-á, então, tomado uma opção claramente anti-económica.

Estas considerações, curiosamente, permitem estabelecer alguma analogia quando temos de analisar a qualidade do subsistema do ensino superior. Como é evidente, analogias destas, sempre grosseiras, se levadas estritamente à letra, podem conduzir a erros de avaliação mais ou menos graves. Podem servir, porém, como base para uma reflexão, desde que se tenha consciência os cuidados que tal extrapolação exige.

É reconhecido que, numa perspectiva muito global, grande parte dos alunos que completam o Ensino Secundário evidenciam carência não só de conhecimentos como de métodos e hábitos de trabalho, de capacidade e gosto para resolverem dificuldades, de espírito investigativo, de rigor e também de disciplina. Ora com este “input” não poderemos almejar, para o ensino superior, um bom “output”. A ser assim, se não sanarmos tal situação, sucederá que investiremos de modo pouco eficaz em meios humanos e materiais para melhorar o “processamento” quando a raiz do problema se situa a montante. E, se na indústria, a aplicação de uma tal gestão pode originar o colapso, já que conduz a um mau produto, no sistema educativo, e de uma tal aplicação, pode resultar o esmagamento do aluno pela “máquina educativa”.

Pelo exposto admite-se que, muito possivelmente, a estratégia manda, nos tempos que correm, investir-se muito mais nos subsistemas de ensino básico e secundário do que no universitário. É que a questão fundamental já não reside agora tanto no “processamento” mas fundamentalmente no “input”.

Em Aveiro, ao lado da melhor universidade portuguesa temos uma óptima tradição de ensino secundário. É o momento de investir decididamente no que vou denominar por Liceu de Aveiro. A análise das situações, nomeada e fundamentalmente de natureza pedagógica, de estrutura curricular e programática, de condições laboratoriais, entre tantas outras, deve ser feita, para conduzir à avaliação crítica e à proposta de novas soluções; de novos rumos. E, depois há que apostar decididamente na formação/actualização de professores, em novos laboratórios, novas metodologias, nova postura geral como resposta aos desafios da modernidade.

Já que a actual equipa do Ministério da Educação conhece bem os resultados da aplicação de uma política sensata e simultaneamente ousada na construção da Universidade de Aveiro, desafiamo-la a apoiar o novo Liceu, que hoje celebra 150 anos, mesmo que atribuindo a este condições concedidas a título excepcional para efectivar uma experiência de ensino que poderá tomar-se paradigmática.

Sejam dadas condições aos aveirenses e faremos do melhor que se vê em todo o Mundo. Aja-se integradamente no âmbito do Liceu e da Universidade de Aveiro e, estou certo, seremos referência incontornável no contexto nacional e internacional.

Em dia de evocação dos 150 anos do Liceu de Aveiro, mais do que a merecida referência ao passado, penso que a nossa melhor homenagem será afirmar que acreditamos no seu futuro.”

Vogal Filipe Neto Brandão (PS):

“Quis a Mesa da Assembleia Municipal de Aveiro que esta Assembleia se reunisse em homenagem aos 150 anos do Liceu de Aveiro, através da Sessão Solene que hoje vivemos.

Em boa hora o fez, permitindo, assim, que também este órgão municipal, enquanto representante de todos os aveirenses, cumprisse o seu imperativo moral de evocar 150 anos de educação, formação e progresso que o Liceu ofereceu ao município onde se instalou.

Não temos actualmente, é certo, - por uma deficiência regulamentar que urge corrigir - a faculdade de participar no processo de atribuição de distinções honoríficas deste concelho que, não obstante, continuam a reclamar-se municipais, mas - afirmamo-lo sem quaisquer tergiversações - todos nós gostosamente nos revimos este ano na justíssima atribuição pela Câmara Municipal à Escola Secundária de José Estêvão/Liceu de Aveiro, da medalha de Mérito Municipal em Ouro.

(Em qualquer caso, não tendo nós ouro para oferecer, sempre nos restaria a reconfortante certeza de nem todo o ouro do município poder retribuir o que Aveiro recebeu já do seu Liceu...)

Não será a mim, obviamente, e desde logo por absoluta falta de ciência, que competirá fazer a historiografia do Liceu nestes seus 150 jovens anos.

Penso, porém, em qualquer caso, não poder deixar de ser aqui celebrado, entre outros, o facto de Aveiro ter logrado albergar o primeiro edifício construído de raiz em Portugal para ser um Liceu, e de tal relevantíssimo facto se ter ficado a dever, uma vez mais, ao resultado da acção daquele insigne, e nunca por demais celebrado, aveirense que foi José Estêvão Coelho de Magalhães.

Foi, de facto, José Estêvão quem, em sessão parlamentar de 16 de Julho de 1853 requereu (e passo a citar): «primeiro para que o governo mandasse fazer a planta e o orçamento de um de um edifício para estabelecer o lyceu do distrito d’Aveiro, tendo por adjunto a biblioteca publica, que estava decretada para esta cabeça de districto, assim como para a de todos os mais; segundo, que se mandasse consultar as autoridades para verificar se as ruínas da Albergaria de S. Braz eram o logar mais próprio para o lyceu» (fim de citação).

Assim foi. Tal intervenção conduziu a que o Liceu de Aveiro, provisoriamente instalado em diversos locais desta cidade desde 1851, viesse a instalar-se em 1860 num edifício construído propositadamente para o albergar - o primeiro do género em Portugal, recorda-se - sito precisamente nesta praça, e onde permaneceu até 1952, data de inauguração do actual edifício da Escola Secundária que, muito justamente, ostenta o nome de José Estêvão, para onde desde então, até hoje, se mudou.

A história do Liceu de Aveiro é também a história deste país ao longo dos últimos 150 anos: regimes políticos, convulsões sociais, mutações comportamentais, reformas educativas (estas, valha a verdade, em número consideravelmente superior à soma de todas as outras); a tudo isto assistiu e viveu o Liceu de Aveiro

Tantas foram, entre professores e alunos, as personalidades que se destacaram ao longo destes 150 anos de existência, tantas são, sobretudo e por outro lado, as pessoas do nosso quotidiano que trazem consigo para sempre a memória do seu Liceu que, confesso, julgo revestir-se de risco, se não de injustiça, nomear algum.

Quero, porém, a todos, porque foram todos os que construíram aquilo que o Liceu de Aveiro foi e hoje é, saudar e agradecer pela sua dedicação e exemplo, com a certeza de que muito contribuíram para que Aveiro fosse hoje a cidade onde gostamos de viver .

A terminar, gostaria de dizer que a designação Liceu se enraizou de tal modo entre nós que, por mais esforços que se façam noutra sentida, as escolas secundárias continuam, e continuarão por muito tempo, a ser assim conhecidas. Porém, devo confessá-lo, pertença já a uma geração de cidadãos para a qual a ideia de um único Liceu- “O” Liceu de Aveiro - tem, inegavelmente, ressonâncias quase jurássicas.

Pese embora o saudosismo de alguns, julgo ser reconhecido por todos que ainda bem que assim é... Por força da democratização do ensino, onde antes existia apenas um, hoje proliferam escolas secundárias ao longo de todo o distrito, e, em tantos casos, várias em cada concelho. ..

O ensino deixou, felizmente, entretanto, de ser visto como privilégio de alguns para passar a ser, como deve, direito de todos.

Uma Escola como o Liceu de Aveiro ou Escola Secundária de José Estêvão - graças à inegável qualidade do seu corpo docente que sempre honrou, por isso, Aveiro, e que queremos muito especialmente saudar - soube, porém, facilmente adaptar-se aos novos desafios colocados por essa massificação do ensino no Portugal em liberdade.

Temos pois, hoje, a grata satisfação de assinalar os 150 anos de uma escola que muito nos honrou e honra mas, sobretudo, a satisfação de expressar a nossa certeza numa escola jovem, pujante, moderna e num futuro de sucessos de que o seu passado constitui o mais valioso penhor.

Parabéns pelo passado! Felicidades para o futuro!”

Presidente da Assembleia de Escola – Alcino Carvalho:

«Evocar os 150 anos de uma instituição nunca é tarefa fácil. Evocar os 150 anos de uma instituição cheia de História, na Casa-Mãe da Democracia local, perante os legítimos representantes do Povo de Aveiro, será sempre tarefa difícil.

O Liceu de Aveiro nasceu numa época bem diferente da actual. Há 150 o país acabava de sair de um ciclo vicioso de golpes e contra golpes militares e a Regeneração prometia trilhar os caminhos do progresso. O marechal Saldanha e Fontes Pereira de Melo são os estadistas que encarnam esses tempos novos, a que alguém chamou “o nome português de capitalismo”. Lá por fora Luís Napoleão Bonaparte fazia o seu 18 de Brumário, Singer inventava a máquina de costura e Verdi fazia representar o Rigoletto. O Palácio de Cristal de Londres impunha o ferro e vidro e Comte publicava o Sistema de Filosofia Positiva. O comboio ainda não tinha saído de Santa Apolónia, apesar de haver 30 anos que circulava por essa Europa fora... Quantas diferenças em relação aos nossos dias! Mas nestes tempos, aparentemente crepusculares, em

que a mais alta tecnologia ainda obriga à invenção de eufemismos de guerra, teremos mesmo mudado? Ou quem mudou foi o mundo e não nós por ele? Seremos assim tão diferentes dos nossos próceres que há 150 anos fundaram o Liceu de Aveiro? E como era a cidade nesse ano da graça de 1851? E quem eram os seus habitantes?

Aveiro, 150 anos atrás, era uma cidade ainda não centenária. Tinham passado apenas 92 anos desde o dia em que, na sequência do atentado a de D. José I, e da condenação à morte do donatário da Vila, esta tinha sido elevada à categoria de cidade. Motivos mais políticos que sócio-económicos estiveram na origem de tal decisão. A novel cidade, que D. Pedro mandara amuralhar nos primórdios de Quatrocentos, vivia então prisioneira de uma laguna que lhe impedia um acesso rápido ao mar. Aquela que tinha sido a principal causa do seu acrescentamento nos inícios da Modernidade, era agora a principal causa da sua perdição. E, contudo, foi em tempos do marasmo mais absoluto, que, estranhamente, a Vila foi elevada à categoria de Cidade...

Mas era preciso facilitar a evacuação das fétidas águas da laguna que, quase paradas, se ligavam ao mar lá para os lados de Mira (anda errante a barra nos areais de Mira). E foi das muralhas de D. Pedro que se tirou a pedra que permitiria a abertura da Barra de Aveiro, na sequência dos trabalhos de Oudinot e Gomes de Carvalho.

O progresso, apesar disso, não foi de todo visível. A cidade continuava pequena e a sua barra, se já não errante, era ainda assim perigosa. Mas se a cidade não se desenvolvia como todos desejavam, pelo menos nela cresciam vultos que resistiram ao absolutismo miguelista (lembremo-nos do Desembargador Gravito e dos seus companheiros que de forma vil foram condenados à morte após o 16 de Maio de 1828) e nela nasceram alguns dos políticos mais marcantes de todo o século XIX português: José Estêvão, o soldado corajoso, o parlamentar brilhante, o sonhador eterno que hoje patrocina a Escola que aqui evocamos; Mendes Leite, o companheiro de José Estêvão que foi um dos paladinos da abolição da pena de morte em Portugal; Augusto Soromenho, um dos protagonistas das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense; Jaime de Magalhães Lima, o admirador e discípulo de Tolstoi; José Luciano de Castro, o político que mais marcou a parte final da monarquia; Barbosa de Magalhães (Pai), o jurista e o político aveirense que morreu nas vésperas da implantação da República; Homem Cristo (Pai), o verrinoso vulto do jornalismo local, mas também político de dimensão nacional. E porque os países se fazem de homens e de livros estes nossos conterrâneos são, verdadeiramente, pedras angulares do século XIX português.

É por ter filhos como estes que Aveiro passa, pela Reforma Administrativa de 1835, a ser capital de distrito. Não pela sua grandeza, pelo número dos seus habitantes ou pelos seus pergaminhos. Somos plebeus e orgulhamo-nos do facto. Não temos grande património construído, não temos a História que outros têm. Mas isso não nos apouca. Antes pelo contrário.

Foi para esta cidade, tal como para todas as capitais de distrito, que o visionário Passos Manuel previu a construção de um Liceu. Mas o tempo do setembrismo foi de tal forma curto, que tempo não houve para executar a obra prevista. Teríamos que esperar que Costa Cabral publicasse novo decreto e que a Regeneração o levasse à prática. Mas façamos um breve resumo da criação do ensino liceal.

O ensino liceal tem as suas origens nas “escolas régias” criadas em 1759, precisamente no ano de elevação da Vila a Cidade, pelo Marquês de Pombal, após a expulsão dos Jesuítas. É uma primeira tentativa de laicização do ensino no nosso país. Mas, como é usual acontecer em Portugal, em Aveiro, como noutras cidades, as escolas régias não funcionaram de facto, e ter-se-ia que esperar pelo liberalismo para que alguma coisa mudasse. Continuou a vigorar o velho sistema das “aulas” ainda por muitos e bons anos.

Seguiram-se a “viradeira” e o Intendente, o Príncipe D. João e a fuga para o Brasil, os franceses e os ingleses, a revolução e a contra-revolução, e o ensino, continuava, “grosso modo”, o mesmo do tempo dos Jesuítas.

Só a 17 de Novembro de 1836 se publica o Plano dos Liceus Nacionais, elaborado por José Alexandre de Campos e integrado na reforma geral de Passos Manuel. Pretendia afastar-se daquilo que chama a “erudição estéril” e orientava-se, explicitamente, para todos os cidadãos que “não aspiram aos estudos superiores”. Criava um Liceu em cada capital de distrito e fazia os de Lisboa, Porto e Coimbra dependentes das respectivas Academias. Era uma reforma profunda, maximalista, e, como muitas outras medidas do Setembrismo, pecava por algum desajuste com a realidade. E, assim sendo, mais uma vez a criação de uma verdadeira rede de escolas de ensino secundária era adiada.

A 20 de Setembro de 1844, durante o consulado de Costa Cabral, vai ser publicada nova reforma geral da instrução pública, que inclui a reorganização dos Liceus. Aligeira-se a carga lectiva, diferenciam-se os alunos em duas categorias: ordinários e voluntários, mas mantém-se a estrutura organizativa dos Liceus: O Conselho de Escola e o reitor. Mas também esta reforma estava condenada a ter de esperar alguns anos para se efectivar: a Maria da Fonte e Patuleia estavam à porta.

Tal como outros Liceus do país, também o Liceu de Aveiro teve que esperar por uma conjuntura mais favorável. Será só em 1851, e já em plena Regeneração, que o Liceu de Aveiro viria a ser organizado. Foi mesmo um dos últimos Liceus do plano de Costa Cabral a ser instalado.

A instalação provisória deu-se no dia 14 de Junho de 1851, no Paço Episcopal, aqui perto mas que já não existe, conforme reza a acta do Conselho Escolar, sendo seus primeiros professores o Dr. João de Moura Coutinho, primeiro Reitor do Liceu e Comissário dos Estudos do Distrito, Luiz Cipriano Coelho de Magalhães, pai de José Estêvão, professor de Filosofia Racional e Moral e Manuel Joaquim d’Oliveira Santos, professor de Retórica. Foi instalado, provisoriamente, para “se proceder aos exames dos Preparatórios dos Ordinários”. A

Isto é: o Liceu começou por funcionar no Paço Episcopal e a sua primeira função foi fazer exames de natureza eclesiástica. Só em 20 de Outubro do mesmo ano, e por força de uma Portaria do Conselho Superior de Instrução Pública, de 27 de Setembro, é que se declarou “definitivamente constituído” o Liceu de Aveiro.

Até se instalar em edifício concebido para o efeito, andaram professores e alunos numa roda viva. No momento da sua instalação foi edifício-sede do Liceu o Paço Episcopal, como já vimos. Pouco tempo depois, em Janeiro de 1852, encontra-se instalado em local que as actas não referenciam, mas ainda no mesmo ano decidiu-se arrendar uma casa na antiga rua de Santa Catarina, para, em 1856, já estar instalado nas dependências do convento de Santo António. Por essa altura já estavam em curso as diligências que haviam de levar à construção do edifício da antiga Praça do Município (hoje Praça da República).

Foi com a sua intervenção na sessão parlamentar de 16 de Julho de 1853, que José Estêvão começou a sua campanha pela construção de um edifício de raiz para o Liceu de Aveiro, o primeiro que se construiu para o efeito em Portugal.

As obras iniciam-se durante o ano de 1855. Uma portaria de Fontes Pereira de Melo, de 5 de Março, ordena a construção das obras, referindo um orçamento de 16.800\$000 e destina-lhe as ruínas da Albergaria de S. Bráz. Para atenuar a despesa foi autorizada a demolição da parte antiga da muralha de Aveiro. Da muralha quatrocentista, só restaram pequenos troços que o tecido urbano foi lentamente engolindo.

As obras estarão terminadas no final de 1859, tendo sido inaugurado o novo edifício a 15 de Fevereiro de 1860, no dizer da Marques Gomes e de Rangel de Quadros. Curiosamente, O “Campeão” é mudo a este respeito. Talvez um primeiro sinal de divórcio entre a Comunicação Social local e as instituições de ensino...

Mas pelas salas e corredores deste magnífico edifício não circulavam apenas alunos e professores. O Liceu de Aveiro, pouco depois da sua inauguração, teve novos inquilinos. Um incêndio ocorrido no Paço Episcopal, a 20 de Junho de 1864, teve o condão de fazer transferir as repartições do Governo Civil e da Fazenda para o primeiro pavimento do edifício. Medida

naturalmente transitória, que se prolongou por 43 anos.... Este edifício, que hoje alberga a Escola Secundária Homem Cristo, foi objecto de profundas obras de reestruturação interior, bem como de acrescentos vários que permitiram ao Liceu de Aveiro aí funcionar até ao ano lectivo de 1951/52.

Parece-nos que estes primeiros anos da vida do Liceu não foram particularmente edificantes. Um exemplo disso mesmo é-nos dado pela referência telegráfica que o Almanaque para 1884 faz ao Liceu de Aveiro. Na parte sobre educação, que refere 4 cadeiras para instrução primária, 2 colégios masculinos e 2 colégios femininos, nada. A única referência ao Liceu aparece na rubrica edifícios públicos: Transcreve-se: "O Lyceu Nacional, inaugurado em Fevereiro de 1860. Importou em grande soma e foi mandado fazer a pedido de José Estevam Coelho de Magalhães".

E a José Estêvão resolveram os estudantes da cidade de Aveiro honrar, quando, a 21 de Outubro de 1866, inauguraram o retrato que foi colocado na Biblioteca do Liceu. No dizer de Marques Gomes, foi "o primeiro monumento levantado à memória do grande tribuno", descerrado com pompa e circunstância ao som de cinco bandas de música, enquanto no ar iam subindo girândolas de foguetes. Participou activamente também o Liceu na construção do monumento a José Estêvão, que domina a Praça da República, sendo a Escola Secundária de José Estêvão a actual depositária de toda a documentação relativa à construção da estátua.

Apesar das sucessivas reformas da 2ª metade do século XIX, particularmente a Reforma de 1860, que de algum modo introduz o ensino científico e obriga à contratação de mais docentes, o estado do ensino liceal em Aveiro não é propriamente o melhor. Só a Reforma de Jaime Moniz de 1894/95, que introduz o regime de "classes" e prevê que o reitor possa ser um elemento exterior ao Liceu, vai começar a alterar este estado de coisas. Esta reforma "representa um marco decisivo na evolução do ensino liceal. Ela constitui a primeira tentativa de construção, segundo preceitos científico-rationais, de um currículo global para o ensino liceal e, simultaneamente, de uma organização e administração para este tipo de estabelecimento de ensino", no dizer do professor João Barroso. Foi nestas circunstâncias nomeado reitor o oficial da Armada, em inactividade temporária, Francisco Regala, antigo aluno, que havia de estar à frente dos destinos do Liceu de Aveiro até ao Outubro de 1910 e deixar marcas que perduraram muito para além do seu tempo.

É no reitorado de Francisco Regala que, sinal dos tempos, as primeiras alunas começam a frequentar o ensino público liceal em Aveiro. Estava-se em 1903 e os seus nomes merecem ser evocados: Maria das Dores Monteiro Rebocho e Maria Clementina Monteiro Rebocho.

Duas notas finais sobre Francisco Regala. O seu interesse pelo ensino prático que o leva a dinamizar visitas de estudo, que estavam previstas numa circular da Direcção Geral da Instrução Pública, de 25 de Outubro de 1896, a fábricas, jardim público, salinas, ria, farol, alto de Travassô e bacias hidrográficas da região. Estas visitas surgem e passo a citar "com programmas redigidos, de accordo, entre a reitoria e os professores, e previamente explicados nas aulas, para servirem de guia aos alumnos, nas observações e estudos a fazer". Notável, sem dúvida, a modernidade da prática... A outra nota tem a ver com o seu interesse pela ginástica. Era Francisco Regala um "fanático" da educação física, a que não será estranho à sua formação militar. Na sessão solene de abertura das aulas de 1908, afirma: "Acho ocioso gastar tempo em demonstrar a necessidade da educação physica, para o rebustecimento da nossa definhada raça, porque hoje ninguém a contesta, e está vulgarizada, entre nós, pela imprensa periódica em persistentes campanhas". Para criar condições para a prática desportiva, além de permitir um melhoramento geral do Liceu, vai Francisco Regala encetar um luta sem tréguas para a aquisição de espaços para onde o Liceu se possa alargar. Isto numa instituição que, ainda há pouco tempo, ocupava só parte do edifício que lhe estava destinado. Tinha então o Liceu 213 alunos (201 rapazes e 12 raparigas).

A Primeira República comete um acto de clara injustiça ao exonerar de funções Francisco Regala. Não transparece da leitura das actas ou dos Anuários qualquer animosidade contra o antigo reitor, vulgar em tempos de ruptura política. Antes pelo contrário. O novo reitor tece rasgados elogios a Francisco Regala no seu relatório relativo ao ano de 1910/11.

O período da Primeira República é marcado pela passagem do Liceu a Central. O que significa que, finalmente, podiam leccionar-se os dois últimos anos do ensino secundário. Depois de muitas solicitações nesse sentido e dos esforços de Barbosa de Magalhães, deputado aveirense e futuro Ministro da Instrução, é elevado o Liceu de Aveiro a Liceu Central de Aveiro, tendo que para isso custear as despesas as 17 câmaras municipais do distrito. Como estas não se entenderam de imediato, ficou a decisão governamental sem efeito, por mais um ano.

Em 1919 passou a ser Vasco da Gama patrono do Liceu, não tendo o ilustre navegador nada a ver com a história da cidade. Uma decisão claramente política e tomada sem a audição do Conselho Escolar.

Na parte final da 1ª República cresce a importância do Liceu de Aveiro a nível nacional. Os acasos da história fizeram com que um conjunto raro de professores de elevada qualidade pertencesse aos quadros do Liceu. Desde 1916 era seu professor José Pereira Tavares. Em 1918 entra para a escola Francisco Ferreira Neves. José Barata chega em 1919 e em 1920 Álvaro Sampaio. Mais tarde hão-de chegar Armando Dias Coimbra (1923), Fernando Morais Zamith (1924), Pedro Gradil (1926), Luís Tavares de Lima (1926) e Alberto Martins de Carvalho (1926). No princípio dos anos 30 há-de chegar Agostinho da Silva que, segundo José Pereira Tavares, "foi demitido do cargo de professor liceal (...) por se negar a assinar a declaração, exigida a todos os funcionários, de não pertencer a qualquer associação secreta." Naturalmente, não é isso que reza na sua ficha biográfica... Enfim, uma plêiade de professores reunidos como raramente há-de acontecer ao longo da história de um Liceu. Estavam lançadas as bases para o "período de ouro" do Liceu de Aveiro, que havia de ser a parte inicial do Estado Novo. É também por esta altura que a primeira professora lecciona no Liceu de Aveiro, Deolinda Armanda da Cruz, licenciada em Filologia Clássica, durante o ano de 1929/30. Mas ter-se-ia de esperar 20 anos até haver uma professora efectiva.

Coincide com o princípio da Ditadura a entrada de José Pereira Tavares para a reitoria do Liceu, ele que já fora reitor interino durante alguns meses, no ocaso da República. Uma das primeiras acções do novel reitor será, logo em 1926, como fervoroso admirador de José Estêvão, diligenciar para que o Liceu se passe a chamar Liceu de José Estêvão, o que acontece a 12 de Maio de 1927, designação que viria a cair em desuso na década de quarenta, passando então a chamar-se Liceu Nacional de Aveiro: Salazar proíbe os patronos em localidades que não tivessem mais que um Liceu.

Aquilo que designamos por "período de ouro" da história do Liceu de Aveiro acontece entre 1926 (admitimos que esta data poderia ser anterior) e o início dos anos 40, altura em que a Mocidade Portuguesa começa a estar omnipresente nos Liceus e a cercear a criatividade e a liberdade de professores e alunos. Durante esse período a actividade cultural do Liceu é de rara importância. É o Liceu que organiza o 1º Congresso da Associação dos Professores dos Liceus, de que foi máximo dirigente e secretário-geral Álvaro Sampaio. É no Liceu que funciona a sede, redacção e alma da revista "Labor", por muitos considerada a mais importante revista ligada à educação, pelo menos durante este período. É durante a década de 30 que Mário Sacramento e outros alunos publicam a "Voz Académica", a voz livre de uma academia que não suportava viver amordaçada. É por esta altura que Fidelino Figueiredo, Luís Carrisso, Jaime Magalhães Lima, Joaquim Carvalho, Hernâni Cidade, Bento Carqueja e tantos outros, honram o Liceu com a sua presença.

O período do Estado Novo também é marcado pela construção de um novo edifício para o Liceu de Aveiro. Durante os anos 30 e 40 o Liceu debate-se com falta de espaço e decide-se a construção de um novo edifício. Entre a decisão política e a efectivação da mesma mediaram ainda longos anos. O Governo exigia à Câmara Municipal contrapartidas (como sempre): a aquisição do antigo edifício pelo

preço de 1500 contos e a compra do terreno para a o novo edifício. O projecto fica concluído em Agosto de 1947, ano em que a Câmara Municipal aprovou um empréstimo de 920 contos para a compra da Quinta das Agras.

As obras iniciaram-se a 16 de Agosto de 1948 e concluíram-se em Abril de 1952. A entrega oficial veio a fazer-se no dia 25 de Maio, hoje dia da Escola. A 13 de Outubro de 1952, foi solenemente inaugurado o edifício, ao mesmo tempo que se iniciava um novo ano lectivo. Edifício em tudo semelhante ao actual, com excepção da ala sul, posteriormente construída, ainda que muitos espaços tenham hoje uma utilização muito diferente daquela que foi a inicialmente prevista.

No ano lectivo de 1947/48 tinha sido criada a secção Feminina, secção essa que durante anos funcionará no mesmo edifício que o Liceu propriamente dito, sem possibilidade de autonomização, mesmo no novo edifício. É o que reconhece Pereira Tavares no Relatório respeitante ao ano de 1953/54 onde afirma que "[d]esde a primeira hora (...) se mostra que o número de salas é insuficiente para a perfeita e rigorosa instalação da Secção Feminina. Com mais seis salas desapareceriam todos os inconvenientes". Isto numa Escola inaugurada havia dois anos... Mas reconheça-se o crescimento da população escolar: 685 alunos, dos quais 314 raparigas. Não tardaria muito que os rapazes estivessem em minoria.

Continuava a ser reitor do Liceu José Pereira Tavares, natural da Bemposta, concelho de Oliveira de Azeméis, mas aveirense por opção, figura cimeira e emblemática da história do Liceu. Aluno brilhante durante cinco anos (1902 a 1907), regressa a 1 de Novembro de 1916 como professor do Liceu Central de Aveiro para só sair... a 30 de Janeiro de 1957, no dia em que, perfazendo 70 anos, foi jubilado por limite de idade. Autor de livros didácticos, organizador de textos científicos e literários, criador e encenador teatral, pedagogo e dirigente da revista Labor, divulgador das coisas da sua terra adoptiva no Arquivo do Distrito de Aveiro, de tudo um pouco fez José Pereira Tavares. Aveiro homenageou-o há pouco dando o seu nome ao Centro de Formação de Escolas do Concelho de Aveiro: o Centro de Formação José Pereira Tavares. Homem íntegro como poucos, escreverá, lapidariamente, num relatório oficial a propósito de uma homenagem "Ao Sr. Presidente do Conselho" : "Fez-se, cumprindo ordens superiores".

O último reitor foi Orlando de Oliveira e dele se lembrarão certamente muitos dos presentes. Nascido em Viseu em 1908, aparece pela primeira ligado a Aveiro em 1930, quando aqui é colocado como professor provisório. Há-de regressar em 1946 e será reitor entre 1957 e 1974. A cidade deve-lhe importantes benefícios: a criação de uma secção do Instituto Comercial do Porto, futuro ISCAA; a criação e instalação do Conservatório Regional Calouste Gulbenkian e, a cima de tudo, a campanha pela criação da Universidade de Aveiro, em artigos inflamados na imprensa local. O Liceu deve-lhe importantes melhoramentos como a ampliação do edifício principal, a construção do Pavilhão Gimnodesportivo e a recuperação do edifício da Praça da República. O ensino deve-lhe o empenho na criação das secções liceais de Oliveira de Azeméis, Ovar, Vila da Feira e Águeda. O país deve-lhe a organização do VI Congresso do Ensino Liceal, no Liceu Nacional de Aveiro, entre 14 e 17 de Abril de 1971, sendo Orlando de Oliveira Presidente da Comissão Executiva.

Com o 25 de Abril de 1974 alterações profundas se dão na direcção do Liceu. A 30 de Abril, na reunião do Conselho Disciplinar, o reitor informa da sua intenção de apresentar atestado médico, "pelo que entregava a direcção da escola ao seu legal substituto". Mas, na mesma tarde, "deu entrada na secretaria do Liceu um requerimento do senhor reitor a pedir a exoneração do cargo".

Ficava o poder entregue ao vice-reitor, José Gomes Bento, que, na reunião de 1 de Agosto do Conselho Escolar, já aparece com o cargo de Presidente da Comissão de Gestão, comissão homologada por ofício de 9 do mesmo mês. Na reunião de 10 de Setembro José Gomes Bento fala do seu pedido de demissão e declara já não dar aulas "em Outubro próximo".

Terminava assim, em definitivo, o velho modelo de gestão dos Liceus. É então o tempo das Comissões de Gestão. Aproximava-se o tempo em que os próprios Liceus iriam estar em causa. É este também o meu Liceu. Fui seu aluno nos anos quentes da Revolução em que as RGAs se sucediam e os saneamentos eram vulgares. Fui dos últimos alunos do Liceu de Aveiro que pouco depois seria extinto, dando lugar a uma Escola Secundária. Esta, honrando o seu passado, escolheu para patrono, naturalmente, José Estêvão Coelho de Magalhães.

No final dos anos 70 e inícios dos anos 80 a Escola assistiu, finalmente, à democratização do acesso ao ensino e foi um dos mais concorridos estabelecimentos de ensino secundário em Portugal. Desses tempos recorda-se a gigantesca mole humana, que no fim de cada turno entrava e saía da Escola. Foi o tempo dos Conselhos Directivos e o início da Gestão Democrática.

Agora novos tempos se perfilam. Já não é o número mas a qualidade que nos deve nortear. São os desafios do novo século aqueles a que temos que responder. Saibamos honrar a memória daqueles que nos precederam e numa relação cada vez mais estreita com a cidade e os seus representantes, pensemos em comum uma “Escola” que se quer sempre nova.»

Presidente da Associação de Estudantes – Sara Neves:

“Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia; ilustres professores e amigos.

A Associação de Estudantes da Escola Secundária José Estevão, convidada a intervir nesta sessão, fá-lo com muita honra e com grande sentido de responsabilidade, pelo facto de estarmos a representar a comunidade, sem a qual todo o processo educativo perderia o sentido, a comunidade estudantil.

Cento e cinquenta anos de ensino liceal é realmente muito tempo. Foram cento e cinquenta anos a ensinar e a projectar. Cento e cinquenta anos a indicar caminhos, a traçar personalidades, a fornecer valores e conhecimentos, a moldar existências, a ser circunstância.

A história da cidade de Aveiro, confunde-se com a história do ensino liceal em Aveiro. Assim como a história de cada um de nós, Aveirenses ou Aveirenses por adopção, está inteiramente ligada com a história da Escola José Estevão. Os nossos pais, avós, tios, professores, conhecidos, através das suas reminiscências, foram-nos mostrando um bocadinho destes cento e cinquenta anos, mas como será compreensível é o Liceu contemporâneo que melhor conhecemos e sobre o qual temos credibilidade para falar.

Tendo na abertura à comunidade o seu vanguardismo actual, o Liceu de Aveiro contém a levar as suas finalidades avante: forma pessoas, cria cidadãos.

A evolução do contexto histórico-social obrigou-o a uma adaptação, mas nem por isso o descaracterizou. Continuou a demarcar-se dos demais, pelo rigor e profissionalismo; pela boa preparação dos seus alunos.

O edifício da nossa escola não foi sempre o mesmo. Passaram por ela inúmeros professores, funcionários e alunos. As mentalidades que percorreram os corredores desta instituição foram diversas; os problemas com que se debateu são diferentes dos problemas com que o Liceu se debate actualmente. Obviamente, o conhecimento actual nada terá haver com o conhecimento de há dez, vinte, cinquenta ou cem anos atrás. O espaço físico da escola transfigura-se de ano para ano; mas tenhamos presente uma coisa: qualquer estudante relembrará sempre a sua escola.

A escola é mais do que o espaço ou a memória de uma fachada. Ela representa o amigo e o professor, a convivência, a irreverência, a aprendizagem, a intervenção, a rejeição ou a aceitação e porque não dizê-lo, o crescimento.

Cada vez mais acreditamos, que a escola será tanto melhor, quanto melhores forem aqueles que a construírem. Devemos ter a capacidade de abstracção suficiente, para reconhecer que o pequeno nada que cada um de nós vive desta instituição, é apenas mais um, entre os inúmeros

nadas “vivênciais” - passo a expressão - dos cento e cinquenta anos do Liceu de Aveiro. Orgulhamo-nos do passado mas não vivemos dele ou nele.

Para finalizar um poema da autoria de Carlos Corga:

«Hoje venho falar-te do tempo:

Não,

não é do tempo que faz,

não é do sol ou da chuva, do vento ou do frio.

Hoje venho falar-te do tempo que passa:

Sim,

do tempo de ontem que é já hoje e logo é amanhã.

Daquele tempo que finge mais do que o poeta,

porque finge que não passa

mas afinal sempre passa.

Do tempo que traz a marca de cada um de nós

e que está em todas as coisas.

Do tempo que é a máscara de todos os sonhos,

que é o poeta de cada momento:

Que já foi menino,

que brincou, pulou, correu

e num instante é o nada.

Hoje venho falar-te

para dizer que não olhes para trás

porque esse tempo passou.

Que tens de olhar para a frente

e viver o momento do tempo que é teu.»

Obrigado.”

Presidente do Conselho Executivo - Arsélio Martins (em improvisado):

Não é possível ... (desculpem não fazer aquela parte do protocolo), não é possível falar do que eu vou falar por causa do tempo. Porque nós estamos aqui, porque somos autores e actores, participámos das mudanças, somos responsáveis pelo que fizemos. É muito difícil falar das coisas de que nós somos responsáveis.

Mas é fácil falar de coisas de quando entrei no Liceu em 1952, vindo do campo. Da minha aldeia não veio mais do que... dois rapazes (rapariga não veio nenhuma, vieram dois rapazes). E os outros todos dessa idade, nos anos 50, vinham ao mesmo tempo que nós “para o sal” (durante o verão, durante os meses mais quentes) ou ficavam a trabalhar na lavoura.

São os anos em que a escolaridade básica era de três anos e em que a quarta classe passou a ser obrigatória (no dia em que eu entrei para a quarta classe); e em que os meninos, que tinham já andado no sal, eram procurados em casa pela G.N.R. para virem para a escola, os meninos que não queriam vir à escola!

O meu tempo é marcado por esta ideia da evolução - do que isto tem dentro – e, portanto, é muito complicado falar das coisas que se vivem. Os jovens de hoje têm necessidade de saber que na década de cinquenta, a década em que nós começámos a viver o Liceu, só havia um menino de uma escola, de uma aldeia, que vinha para a cidade estudar. O resto era a elite urbana ou pouco mais do que isso. A maioria dos meninos eram pessoas que iam para o trabalho.

Somos nós os autores, os actores, as pessoas que lutaram de alguma maneira, bem ou mal, para que nos anos seguintes, passado pouco tempo, o Liceu passasse a ser a escola de mais gente, cada vez mais gente. Que passasse a ser uma escola mais exigente e que ao mesmo tempo os estudantes tivessem mais anos de ensino. É do Liceu que nascem não só outras escolas

secundárias, mas em que se separa o ensino básico do segundo ciclo - para serem então seis os anos de escolaridade obrigatória. Porque isso era necessário sinal de algum desenvolvimento ... Somos nós que depois vamos separar as escolas, para mais escolas, e somos nós que vamos criar as escolas secundárias. E somos nós que vamos acabar com a diferença entre as escolas técnicas e liceus - que é ainda um drama que não está resolvido na sociedade portuguesa.

Não vale a pena atirar culpas a governos, educadores etc.: somos nós que vivemos esse processo, participámos, tivemos ideias e tentámos transformar o mundo (mal ou bem) para o que actualmente hoje é.

Vivemos hoje numa sociedade em que a maior parte dos jovens em idade escolar tem direito a estar na escola básica e secundária. Mas quem viveu esta época conturbada sabe quanto era difícil fazer isto sem erros, sem hesitações, e quanto era difícil fazer isto sem lutar contra a herança ...

Um homem da minha idade, que está a comemorar os cento e cinquenta anos do Liceu, está aqui claramente com uma corda ao pescoço. Porque um homem como eu lutou denodadamente para aprofundar a reforma geral e democrática de Veiga Simão. Lutámos na rua, lutámos para aprofundar o ensino igual para todos, lutámos para que o ensino passasse para nove anos, lutámos para que toda a gente viesse para a escola mesmo quando não tinha lugar. Lutámos para chegar aqui, tendo muito fracas condições, vivendo num país extremamente pobre, extremamente depauperado. Lutámos de forma dramática. Todos os que estão aqui, professores da escola - são actores, são autores disto. Lutámos para que, num espaço criado para menos de 600 alunos, lá pudéssemos ter 3000, e ter vivido com eles, e ter feito ... sem traumas, sem desgraças muito grandes,... ter feito a expansão do sistema escolar.

Lutámos agarrando os nossos filhos todos para dentro da escola, sem termos nenhuma condições. Ficámos sem retretes, ficámos sem coisa nenhuma: transformámos tudo em sala de aula. Ficámos sem recreios cobertos, ficámos sem nada do que tínhamos: para que, sempre que alguém quisesse vir para a escola, pudesse vir.

E, ao mesmo tempo, fomos nós os autores daquilo que é considerado o crime mais grave - que é dizer que era preciso que, à medida que houvesse escola para todos mais tempo, era preciso que ela fosse igual para todos.

Nós somos os autores (para o bem e para o mal) do ensino unificado. Somos aqueles que acabámos com a diferença entre as escolas comerciais e liceus. Raras pessoas assumem esta questão. Mas, num país pobre, onde o ensino de elites era feito e era marcado de forma clássica, seria hipocrisia da minha parte, vir aqui dizer que eu não sou uma das pessoas que lutou para que, se a idade para o trabalho devia ser depois dos quinze anos, então o ensino devia ser igual para todos: dar o máximo de competência a toda a gente, para que os alunos fossem iguais, de qualquer classe social, de qualquer sítio de onde viessem, fossem iguais até à idade em que entrassem no mercado de trabalho; e, então sim, fossem aí preparados para o trabalho.

Uma responsabilidade que quase ninguém assume, toda a gente atira culpas a outros a respeito deste assunto. Podemos ter feito bem, podemos ter pensado bem ou ter pensado mal, mas quero aqui hoje - no dia em que assumimos a tradição do Liceu (e com muito orgulho), e no dia em que assumimos a tradição da escola comercial, e no dia em que assumimos o nosso trabalho como autores e actores - dizer que... (mesmo que eu pense agora coisas diferentes) dizer que, orgulhosamente, defendi, combati pelo ensino igual para todos. E combati e defendi que as escolas, mesmo sem condições, deviam aceitar todos os estudantes de Aveiro; deviam aceitá-los todos, nem que para isso tivessem de rebentar com todas as condições de trabalho dos professores. Estão aqui esses actores, esses autores; estão aqui os professores que aceitaram trabalhar, uma boa parte deles sem quaisquer condições de trabalho, para garantir que em Aveiro todos aqueles que queriam estudar pudessem estudar no ensino secundário.

Pagamos cara essa aventura! Nós não somos os professores já do antigo Liceu. Nós somos professores que em algum dia da nossa vida tivemos que dizer quase não ao Liceu - no que isso

significava de tradição elitista e conservadora. Nós fomos os que tivemos de romper isso para construir outra coisa diferente. Com todos os riscos que isso traz, com todas as desvantagens que traz, com todos os problemas que isso trouxe: porque, onde tivemos que meter tanta quantidade, não era natural que em igual percentagem voltasse a sair a mesma qualidade ... Nós somos os responsáveis, em grande medida, por termos desfeito o mito de que não era possível democratizar o ensino. Nós somos os tipos que fizemos rebentar algumas leis da física. O Liceu no dia em que ultrapassou 600 alunos, abriu uma secção. Mas nós, no mesmo sítio, com o mesmo número de salas, com um ensino mais exigente, mais diverso, mais complicado, tivemos que meter no mesmo sítio mais de 3000 alunos. Milagre dos milagres! Milagre da multiplicação – tão pouco espaço para tanta gente. Somos nós também as pessoas que dizemos que, ao fazer isto, assumimos um combate histórico. E assumimos uma dificuldade que nos vai acompanhar ao longo do tempo, durante muito tempo: é que criámos e vivemos com uma geração de professores menos exigentes; e criámos uma geração de pessoas que pensam que a escola não é mais do que um banco, uma cadeira e uma mesa – que a escola não tem mais para dar. Criámos também ao mesmo tempo uma geração de pais que aceitam que as escolas actuais são boas, porque as escolas em que nós os criámos eram completamente miseráveis. Somos nós agora os cidadãos que, ao mesmo tempo que assumimos este patamar, vimos dizer que as escolas que nós queremos não são as escolas que tivemos de viver, para podermos chegar aqui. As escolas que nós queremos agora são outras: melhores condições, mais condições de trabalho, mais garantia para os estudantes de cumprirem o seu caminho (porque trata-se de caminho ...).

Assumir a história do Liceu de Aveiro, tal como eu faço. E isso significa assumir a história da LABOR, da Voz Académica, do Assiz Maia, de toda a gente que fez isto: Aveiro. Assumir isto tudo é assumir não só aquela parte tão bonita, da elite, das coisas como foram feitas, mas assumir que nós fizemos o ensino de massas, nas condições em que o fizemos.

E que nós criámos novas escolas, pressionando para criar escolas - primeiro em Ílhavo. E para isso dizer aqui, expressamente a esta Assembleia, que a escola, o Liceu, que eu dirigi, desde essa altura, se calhar obrigou alunos da Costa-Nova a ir para Ílhavo, violentamente, sem que houvesse transportes da Costa-Nova para Ílhavo, para que a escola de Ílhavo se pudesse afirmar.

Somos os mesmos que tivemos de, violentamente, claramente decidir a favor da criação de uma escola em Esgueira, obrigando pessoas a deslocar-se contra a vontade para lá, como para Vagos.

Porque as velhas escolas de Aveiro eram distritais, os estudantes por tradição voltavam e inscreviam-se no Liceu de Aveiro, era preciso deslocá-los para as escolas novas que não podiam ser escolas sem estudantes.

Esta geração vai ser apontada - por muitos cidadãos não-de-Aveiro - de serem os responsáveis por lhes terem criado graves problemas na sua vida. Nós assumimos com orgulho, a quota parte da nossa responsabilidade, por termos sido capazes de tomar decisões - a maior parte delas, aparentemente, que à cidade não cabia resolver (não podia, nem devia).

Nós estamos orgulhosos do passado. E já conseguimos, depois da brutal luta política que travámos, já conseguimos herdar a tradição do Liceu. Sinal de maturidade dirão uns. E sinal de que nós já estamos em condições de distinguir a tradição de tradição: distinguir o que é essencial neste negócio do desenvolvimento escolar e que é mola de progresso, daquilo que podia ter sido um desastre para a cidade de Aveiro, para a população de Aveiro e dos concelhos limítrofes.

Estamos em condições hoje de assumir a dignidade do que fomos de melhor, e estamos em condições de dizer que, mal ou bem, com alguns erros pelo caminho (e assumimos também os erros orgulhosamente), conseguimos fazer o que era preciso fazer, no momento em que foi preciso fazer.

E queremos dizer à Assembleia Municipal de Aveiro que as nossas condições de trabalho ainda estão abaixo das condições de trabalho de 1950. Porque ainda ... - no mesmo local, onde em mil novecentos e cinquenta e poucos, já José Pedro Tavares dizia que não cabiam os alunos todos (e nessa altura eram 600), - ainda hoje, apesar das escolas todas que há à volta de nós, ainda hoje temos mais de mil alunos - temos 1500 alunos -, o que quer dizer que ainda temos caminho para percorrer ...

Vivemos com orgulho os erros, os caminhos – todos - feitos. E eu recuso-me (e queria dizê-lo publicamente) a dizer que os erros são culpa só dos governos. Ou que aquilo que fizemos de errado (hoje estaremos a pensar que podia ter sido feito de outra maneira) que é culpa do governo. Eu quero aqui assumir que o Liceu de Aveiro, no tempo do José Pereira Tavares, mas também no tempo depois dele, participou activamente com as suas energias nas decisões sobre o futuro da Educação em Portugal; e, particularmente nas decisões da Educação Secundária.

Continuamos a discutir e continuamos a participar, empenhadamente, para o bem e para o mal, nessa responsabilidade. Não enjeitamos nenhuma responsabilidade, “não nos pomos na beira do prato” a dizer: isto é do governo, isto é nosso. Assumimos integralmente - como parte integrante do Ministério da Educação (e fazemos disso gala), - e participamos activamente na discussão das políticas para a Educação. E quem nos dera (isso sim, é um desejo), que pudéssemos decidir bem. Quem nos dera que pudéssemos decidir bem e, quaisquer que sejam os governantes, que pudéssemos ajudar a tomar boas decisões.

Só uma marca: é verdade ... - e isso convenhamos, já aqui foi dito a várias vozes - é verdade que tipos como eu, por razões de tradição de luta, têm muita dificuldade como actores e autores, e em viver este processo. Nós vivemo-lo em luta permanente. Eu voltei para o Liceu em oitenta, e portanto desde oitenta estou a ele ligado. Estão aqui uma parte das pessoas que fizeram isso. Estou ligado ao que é o Liceu - um Liceu que cresce até aos três mil perto de quatro mil, um Liceu que vai melhorando; o Liceu que assume uma degradação brutal, porque nenhum edifício onde cabem seiscentos pode aguentar movimentos de quinze mil - e portanto, é degradado brutalmente. Demorámos vinte anos a recuperá-lo para o aspecto que tem agora. Somos nós que vivemos a degradação total do edifício e depois a sua recuperação lenta, vagarosa, que é preciso fazer durante este tempo. Somos nós. E não vale a pena fingir que não somos - nós com tudo o que isso significa. Somos nós, portanto, que rebentamos com o espírito de certa maneira do Liceu (tal como ele existe na sua forma mais negativa) e assumimos que é uma escola para toda a gente, e uma escola secundária como as outras, que é tão herdeira do Liceu como as outras escolas secundárias. Não tenho nenhum problema com isso, mas reconhecemos que fomos vencidos de facto por Aveiro. De facto, mesmo agora, ao fim destes anos todos, nós temos que reconhecer que a cidade de Aveiro (e em parte a sua elite) tomou a escola secundária, o Liceu, como Liceu. Não vencemos as comunidades!

Engraçado: por muito esforço que se faça e, na escola secundária de Aveiro, escola secundária José Estevão e todas as outras escolas está uma boa parte de capital humano, de trabalho e de luta, e até de compreensão dos problemas da Educação, estão pessoas que lutaram por princípios e que tentaram alterar as coisas, numa questão tão elementar como esta que é de direcção da consciência, que é da direcção da imagem e da direcção social, nós ainda somos o Liceu. Mesmo quando não queremos, ainda somos o Liceu.

Ao virmos aqui comemorar os cento e cinquenta anos do Liceu de Aveiro, para além da tradição do Liceu de Aveiro, temos de referir o trabalho dos nossos dias. Sabendo nós isso, vimos ao mesmo tempo declarar a nossa derrota perante a representação social que existe da escola. E dizer que, de facto, é verdade que somos formalmente escola secundária entre outras, mas também que aceitamos definitivamente o facto irrevogável de nos confessarmos derrotados perante a comunidade, que nunca deixou de olhar para aquela escola como o Liceu de Aveiro e que de certa maneira, quer queiramos quer não, é assim tratado pela própria população. Tem um escol mais concentrado de pessoas muito perto do saber escolar e que portanto fazem com

que a escola tenha os melhores resultados da cidade de Aveiro e que esteja entre as vinte melhores escolas públicas do país - coisas desse tipo. Porque a principal razão é que, apesar de todos os nossos esforços para ser uma escola pública e popular (e quem nos dera que seja - e é, e tem alunos de todas as classes sociais) de facto continua a concentrar um escol de alunos brilhantes, que - apesar de mergulhados num grande número de alunos que vêm das massas populares e que provavelmente nem querem estudar (muitas vezes) - consegue fazer daquela escola um marco, mesmo ao nível das classificações. Comemorar os cento e cinquenta anos nesta sala, significa portanto sermos derrotados pela comunidade. Perante os representantes da comunidade, declaramos a nossa rendição.

Só ainda um assunto que me vale a pena falar: eu sempre fui um desgraçado no Liceu de Aveiro. Quando entrei para a escola tinha um metro e dezoito; cresci na escola até um metro e vinte e quatro. Nunca cheguei com os pés da cadeira ao chão! Quando voltei como professor, a Isabel Cerqueira teve que comprar uma cadeira especial - porque eu, para chegar à mesa (já estava no Conselho Directivo em oitenta), tinha de usar um banco da sala de microscopia. Nunca cheguei à mesa. Aquelas mesas eram muito altas. A Isabel Cerqueira chegou a comprar uma cadeira própria, para mim, que podia elevar-se (no tempo em que havia poucas cadeiras) - para eu poder chegar à mesa. Portanto, devo à Primeira Dama da Assembleia Municipal, a possibilidade de chegar à mesa ...

Depois fui-me habituando; e as mesas modernas e as cadeiras modernas permitem adaptações. Portanto eu já quase posso dizer que, na escola onde ando há tantos anos já me sinto em casa... Ao confessar a minha derrota hoje aqui (e isso lembrou-me por causa disso), venho confessar que... mais uma vez sou levado a confessar a minha derrota. Mais uma vez: ao sentar-me na Mesa da Assembleia Municipal, não consegui chegar com os pés ao chão! Muito obrigado.

Presidente da Mesa (em improviso):

Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Congratulo-me com a maneira elevada e simultaneamente simples como esta sessão decorreu. E seria estultícia da minha parte dizer agora qualquer coisa a pretender completar ou melhorar tudo o que tão bem e tão longamente e tão aprofundadamente foi dito. Mas permitam-me três notas, três referências.

Quando terminei a quarta classe, em Aveiro, dos melhores alunos daquela escola primária, ali no Adro, só dois é que foram para o Liceu. Os melhores alunos seriam porventura uns oito. Só dois foram para o Liceu. Outros dois foram para a Escola Industrial e Comercial - porque eram socialmente mais modestos ou porventura ... economicamente (o problema não era sempre económico, era um problema de estigma social). E os outros quatro foram trabalhar (não sei exactamente para onde); e, quando passam por mim, pensam que eu sou superior a eles.

Tudo mudou, a sociedade portuguesa está melhor, felizmente. Mas ainda temos muito para caminhar. Já não vêm... (era outra nota que me aflorou) já não vêm os estudantes de bicicleta ... - saindo de casa a altas horas da madrugada, com chuva, vento e neve - de bicicleta de Vagos e de Ílhavo (numa minoria mesmo assim) para frequentar as aulas.

O país melhorou em todos os sentidos. Devemos estar satisfeitos, honrados - e glorificar o 25 de Abril, mas também ter a noção da responsabilidade que temos, todos nós, para com o futuro do país naturalmente e da nossa terra e, já agora, do nosso Liceu de Aveiro. Queria dar uma palavra especial à Presidente da Associação de Estudantes: eu não sei como é que está estruturado o movimento associativo académico, não sei se há alguma federação ... Se houvesse, ou se vier a haver, seria interessante recuperar o que era uma tradição única de Aveiro no todo nacional, que se mantinha graças ao sentido republicano, democrático e progressista do Dr. José Pereira Tavares: o Liceu de Aveiro tinha um presidente da Academia. Era um presidente da Academia que representava o corpo discente (não era a Mocidade Portuguesa que o

representava). E era um presidente da Academia eleito democraticamente pelo colégio dos chefes de turma.

Tive a honra de ser presidente da Academia. Fui o antepenúltimo. Na medida em que o Dr. Orlando de Oliveira^(*) - que tinha uma perspectiva muito diferente da vida comunitária (política, naturalmente) - acabou com essa tradição, que tinha (nunca estudei isso, seria interessante averiguar) muitos anos e que recuperava embrionariamente o que tinha sido o movimento do associativismo académico do tempo da República - que esmoreceu (e que só depois, muito recentemente, recuperou nas universidades, mas tinha ao nível do ensino secundário esse único afloramento).

O presidente da Academia não fazia mais nada do que representar a Academia: transportava o estandarte da escola nas cerimónias e usava da palavra (como hoje a nossa querida amiga Sara aqui fez). Mas era uma tradição. Tinha um senão não-democrático (foi por isso que eu perguntei se havia uma Federação das Associações Académicas): é que o presidente da Academia, por estranho que pareça agora (na altura não se punha o problema, não se me pôs o problema, também não tinha preparação política para perceber isso), não representava os estudantes da Escola Comercial e Industrial, que não eram considerados como pertencendo à Academia. A Academia era só dos estudantes do Liceu. Era a tal elite de que aqui se falou. Não vou questionar o problema de terem acabado as escolas industriais e comerciais, sou a favor dessa unificação ...

B

Está tudo muito melhor, mas ainda não está bem. Continua a haver universidades particulares (não tenho nada contra as universidades privadas, nada; nem contra as cooperativas) que - com lucros para as respectivas organizações - produzem licenciados em determinadas disciplinas com excesso, com um escandaloso excesso e com um preço brutal (anímico, económico, social) para os licenciados dessas faculdades, designadamente em Direito, que depois não têm saída na vida prática. E isso tem que ser atalhado, tem que ser corrigido.

Em contrapartida, devo dizer que me choca muito (e sei que é o caso da Sara, que é uma aluna muito classificada) que não tenham acesso ao curso que gostariam de seguir alunos classificados com dezoito! Não entendo isso. No meu tempo, um aluno de dezasseis era um aluno distinto; e que podia escolher livremente para onde queria ir. Bem sei que as circunstâncias mudaram. Mas continua essa selecção excessiva e drástica, que leva depois a termos que importar médicos espanhóis (estou a falar nomeadamente da Medicina, onde não temos uma cobertura profissional - nesse terreno da saúde - capaz, substancial).

Em suma, há muito para fazer, muito para rever.

E nós aqui em Aveiro somos realmente privilegiados. Porque temos uma comunidade com um elevado civismo. Com pouca intervenção, mas atenta aos fenómenos sociais e políticos ...

Somos duma região com dinamismo. Com maior riqueza natural do que a maior parte do país. Com capitais de investimento. Também com imaginação. Com grande capacidade de trabalho. E temos uma conjuntura que nos é favorável: temos a auto-estrada Lisboa/Porto, que é um factor decisivo; temos o terminal da estrada internacional do IP5, que (e vai ser alargada) desagua aqui; vamos ter o TGV com paragem em Aveiro - (não tanto pelo movimento de passageiros, mas porque está perspectivado agora, mais recentemente, também sob o ângulo do transporte de mercadorias. E Aveiro é um momento, é um sítio, é um movimento decisivo nesta matéria. Sobretudo (e é outro factor) graças ao porto de Aveiro - que está em franco desenvolvimento e que se vai desenvolver de forma perturbadora e avassaladora.

Depois temos a Universidade - com a sua inteligência, com a sua ligação com a sociedade. E se tivesse tendência para dizer mal do Dr. Orlando de Oliveira (nalguns aspectos da sua maneira de enquadrar a sociedade, de pensar a sociedade - nomeadamente essa tacanhez de acabar com uma tradição que tinha não sei quantos anos: a eleição do presidente da Academia), devo dizer (não é por mim, é por ele, foi ele que fez tudo) que pertenci à primeira Comissão (estávamos em cinquenta e quatro, cinquenta e cinco) que fez um estudo sobre a viabilidade e o interesse e a

justificação da criação de uma universidade em Aveiro. Era ele próprio, eu e a Ermelinda Campos. Não sei onde é que pára o texto original desse trabalho, mas é evidente que quem era o dinamizador e quem fez praticamente tudo foi o Dr. Orlando de Oliveira, que não obstante da sua maneira de pensar (de que eu sempre, então e agora, divergi profundamente), foi um Aveirense muito dedicado e empenhado (à sua maneira, mas com frutos na coisa pública). Portanto (e para terminar mesmo...), olhar para o passado é importante, viver o futuro é responsável, perspectivar o futuro deve ser um sonho. E - para aqueles que comportam a nossa geração e para os nossos filhos e nossos netos - penso que podemos aspirar a uma vida democrática de bom nível, optimista, de desenvolvimento, de grande afirmação de Aveiro no todo nacional, sem desequilíbrios. Mas os desequilíbrios existem. E, desequilíbrio por desequilíbrio, temos sido preteridos e prejudicados! Ganhámos agora dimensão, corpo, altura, arcoíris, força - que não vai permitir mais sermos preteridos por quem quer que seja, a favor de onde quer que seja. Isso assegura o gosto de sermos Aveirenses. E isso nos dá algum orgulho - e também alguma responsabilidade de intervenção e de colaboração. Muito obrigado.

Seguidamente, o Presidente da Mesa deu conhecimento do pedido feito pelo Dr. Arsélio Martins de que fosse assinado por todos os Deputados da Assembleia Municipal o Livro de Honra da Escola - que assinalará no tempo a sua presença na evocação dos 150 anos do Liceu de Aveiro.

Não havendo mais intervenções, o Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Aveiro deu por encerrada esta Sessão Extraordinária.

Eram 19:30 horas do dia 09 de Novembro de 2001.

Para constar e devidos efeitos se lavrou a presente acta, que tem como suporte gravação magnética de tudo quanto ocorreu na respectiva reunião, de acordo com o disposto no n.º 5 do artigo 61.º do Regimento, e vai ser assinada pelo Presidente da Assembleia e por mim, Manuel Cartaxo, funcionário municipal destacado nos Serviços de Apoio à Assembleia Municipal, que a elaborei nos termos legais.

(*) Por manifesto lapso, foi dito “Orlando de Carvalho”.